

CONGRESSO EAO. TRÊS DIAS A CONSTRUIR PONTES PARA O FUTURO

A 28ª edição do encontro anual promovido pela European Association for Osteointegration (EAO) aconteceu em Lisboa. O evento, que decorreu entre 26 e 28 de setembro, contou com mais de 3400 congressistas, 300 dos quais portugueses.

Foram necessários quase 28 anos para, pela primeira vez na sua história, a European Association for Osteointegration (EAO) escolher a capital portuguesa como destino para uma edição do seu congresso anual. “Como disse o Prof. Dr. Gil Alcoforado [presidente da comissão organizadora desta edição], o congresso de Lisboa nasceu de uma decisão tomada no Board Meeting de junho de 2016”, explica Prof. Dra. Susana Noronha em declarações a *O JornalDentistry*. Professora Universitária e médica dentista, foi convidada para ocupar o cargo de vice-presidente, assumindo a responsabilidade de prestar auxílio na definição do programa científico do congresso.

Sobre a escolha de Lisboa como anfitriã, **Prof. Dra. Susana Noronha** considera que, além do reconhecimento internacional relativo à qualidade da comunidade de medicina dentária portuguesa, “é uma cidade atrativa” até mesmo do ponto de vista climático. Inês Faria, médica dentista e uma das moderadoras nacionais nesta 28ª edição do congresso, partilha a ideia e reforça a importância do “trabalho e empenho” de **Prof. Dr. Gil Alcoforado** que, aliado ao seu prestígio internacional, “foi certamente um dos fatores que ajudou a trazer a EAO até Portugal”.

Um dos grandes objetivos deste encontro prendia-se com a necessidade de diminuir o atraso entre os avanços da ciência e a sua importação para as práticas clínicas, que pode, por vezes, ser demorada. A importância da renovação de conhecimento traduziu-se na construção de uma linha programática que se debruçou sobretudo sobre a implantologia, as complicações associadas e a necessidade de repensar certos procedimentos clínicos, nomeadamente no que diz respeito à zona estética. “O conteúdo do programa é a razão principal para atrair os médicos dentistas de todo o mundo”, refere Susana Noronha, razão pela qual existiu a preocupação de procurar responder a “questões que ainda não estão totalmente esclarecidas”.



O tema deste ano foi, por isso, definido como “Pontes para o futuro”. Por baixo deste chapéu temático, o programa desenrolou-se em 22 sessões científicas que contaram com a participação de 52 conferencistas (seis dos quais portugueses) e 44 moderadores (entre eles, contaram-se 15 portugueses). Além da comunidade nacional, também os cerca de 180 médicos dentistas brasileiros estiveram em destaque, já que o Brasil foi o país convidado desta edição. Foram ainda

atribuídos sete galardões relacionados com a investigação e inovação.

Implantologia: a arte de construir sorrisos

Não é segredo que o sorriso assume elevada importância, não só do ponto de vista estético, mas também psicológico do paciente – um sorriso saudável e esteticamente agradável.



vel pode ser, muitas vezes, um dos fatores para a construção de uma personalidade segura e confiante. É também por esta razão que as intervenções na zona estética devem ser realizadas de forma cuidadosa e ponderada.

Crítico em relação à utilização de implantes na zona estética, Markus Hurzeler participou na sessão “Should we avoid implants in aesthetic zone?”, durante a qual fez questão de sublinhar as dificuldades destes procedimentos. O reputado médico dentista suíço, que partilhou o palco com o norte-americano Homayoun Zadeh, desafiou as várias centenas de congressistas a ponderar o caminho que, enquanto profissionais, devem tomar. “É isto [casos perfeitos e de sucesso] que vemos sempre, mas será esta a realidade?”, questionou, explicando que as complicações pós-implante devem incentivar a comunidade a pensar que “talvez tenhamos de regressar às origens, já que o implante imediato é muito complicado”.

Por outro lado, Zadeh defende que apesar de existirem “imensos riscos” associados à implantologia, existem duas opções – “desistir ou tentar compreender o que está na origem desses riscos”. Apesar de divergir da opinião de Hurzeler em vários pontos, o norte-americano concordou que é “preferível salvar um dente em vez de o extrair”. Esta foi, de resto, uma das mensagens que mais adesão ganhou ao longo de todo o Congresso EAO, com vários profissionais e académicos a defender a necessidade de evitar extrações desnecessárias. Isabella Rocchieta, que esteve ao lado de Irena Sailer na moderação da sessão, olha para esta questão como uma das principais mensagens do encontro internacional. “As coisas não têm de ser feitas à pressa, é preciso ter paciência e deixar a Mãe Natureza atuar”, refere em declarações a *O JournalDentistry*.

Colega de profissão e de painel, Irena Sailer acredita que, na zona estética, “é fundamental garantir a aplicação de métodos sofisticados, ter um enorme conhecimento sobre o procedimento e uma técnica irrepreensível”, motivo pelo qual defende que os implantes “devem ficar a cargo de especialistas”. Para Sailer, é importante que a intervenção seja o menos invasiva possível, permitindo um resultado mais previsível. A especialista aponta ainda “o aumento vertical do osso” como um dos grandes desafios da área, argumento que merece a concordância de Ueli Grunder. O médico dentista suíço coprotagonizou, com o italiano Marco Degidi, a sessão “Immediate placement and immediate loa-

TRÊS PERGUNTAS À DRA. SUSANA NORONHA

Professora universitária, médica dentista e vice-presidente da 28ª edição do Congresso EAO sobre a importância deste evento para a comunidade de medicina dentária nacional.



Tendo em conta a importância deste evento, o que significa para a comunidade de médicos dentistas nacionais ter recebido, em Lisboa, a última edição da EAO?

Acredito que tenha sido uma enorme honra para todos os médicos dentistas portugueses receber o Congresso da EAO em Lisboa. Sem dúvida que foi uma oportunidade de assistir a conferências brilhantemente apresentadas por conferencistas de excelência na área da Implantologia.

Foi para nós uma grande responsabilidade organizar, em conjunto com a equipa dos escritórios da EAO em Paris, um congresso desta dimensão. O compromisso é ainda maior se olharmos para a evolução dos últimos congressos organizados pela EAO. Esta 28ª edição foi um desafio inesquecível.

Depois de Paris, Madrid e Viena, porquê Lisboa?

Tal como referiu o professor Gil Alcoforado, o congresso de Lisboa nasceu de uma decisão tomada no Board Meeting de Junho de 2016. Durante os anos seguintes, foi necessário formar a Comissão Científica e começar a delinear a estrutura do programa científico. Afinal, o conteúdo do programa é a razão principal para atrair os médicos dentistas de todo o mundo.

Lisboa é uma cidade atrativa. Até as condições meteorológicas ajudaram a tornar o Congresso da EAO um evento científico global!

O tema deste ano foi as “pontes para o futuro”. O que esteve na base de construção do programa?

O desenvolvimento do programa científico teve por base a ideia de que existem ainda várias questões que não estão totalmente esclarecidas, mas que se nos apresentam, diariamente, na nossa atividade clínica. Nesse sentido foram escolhidos temas atuais, apresentados por conferencistas com vasta experiência clínica e de investigação, que aceitaram o desafio de responderem de forma clara e objetiva às questões a que cada sessão fazia referência.

ding: current and future outlook”, oportunidade que aproveitou para mostrar o pragmatismo que o define. “Existem casos em que não é possível fazer aumento do osso com sucesso, em que há excesso de tecido mole ou em que está

danificado. Temos de aprender a viver com limitações”, disse em declarações ao nosso jornal.

Ao longo da apresentação, Grunder mostrou-se favorável à utilização de GBR (Guided Bone Regeneration) e alertou os





colegas para a importância de praticar bem a técnica para a dominar. “Eu sei que a maioria de vós considera perigoso fazer este procedimento [GBR], mas nada do que ouvirem aqui sobre colocação imediata é propriamente fácil”, ironizou.

João Pimenta, médico dentista reputado e com três décadas de experiência, partilhou com *O JornalDentistry* a sua perspetiva em relação à carga imediata, que se foi alterando ao longo dos anos. “Fui durante algum tempo um pouco crítico de um certo tipo de carga imediata que se andava por aí a fazer, mas sou agora muito mais confiante e pratico-a bastantes vezes, principalmente em casos de próteses totais sobre implantes”, conta. Tal como afirmou **João Caramês**, um dos oradores da sessão “Loading protocols revisited”, Pimenta acredita que “existe, em relação há 30 anos, uma maior previsibilidade”, fruto da evolução da prática e da tecnologia. “O uso de peças intermediárias perfeitamente adaptadas ao implante vieram dar-nos uma garantia muito mais alta do que tínhamos anteriormente”, constata.

Questionado sobre os desafios na prática da medicina dentária, João Pimenta destaca a ética como fator essencial. “O médico dentista tem de ser um artista. Não concebo a medicina dentária sem estética, mas também não a concebo sem ética”, defende, justificando que existem “alguns colegas que, para facultarem aos pacientes uma estética maravilhosa, segundo eles, fazem claramente overtreatment”. Isabella Rocchieta partilha a mesma opinião sobre a questão ética, dizendo a *O JornalDentistry* que é fundamental “ser-se muito ético, humilde, conhecer os seus limites e ter a capacidade de encaminhar o paciente para um especialista quando estamos fora da nossa zona de conforto”.

Estas recomendações tornam-se particularmente importantes não só por se tratar da saúde do paciente, mas também por existir interferência na zona estética que é “muito

sensível”, como explica **Inês Faria**. “Sabemos que a zona estética é bastante desafiante e, portanto, temos de estar completamente conscientes do caminho a seguir”, diz, detalhando que é necessário “ter um bom diagnóstico, um bom planeamento, explicar as limitações ao paciente e conhecer todas as técnicas disponíveis”.

Antibióticos: estamos mais resistentes?

Segundo dados divulgados na última edição do Congresso da Sociedade Espanhola de Periodontologia, que decorreu em Valência, Portugal é o terceiro país da Europa com maior prescrição de antibióticos. Do outro lado do espectro estão países como a Suécia ou a Noruega, que não só apresentam um histórico com baixos níveis de prescrição de antibióticos, como também têm vindo, nos últimos anos, a realizar um esforço para continuar a trajetória de redução. Ao contrário de Portugal, a Suécia tem valores muito baixos no que diz respeito à resistência a este tipo de fármacos.

Foi precisamente este o tema central da sessão “Antibiotics in implant dentistry”, que juntou especialistas e investigadores da área em palco para discutir os desafios de uma crescente resistência, mas também para sensibilizar a comunidade médica a optar por outras formas de tratamento. **Gunnar Kahlmeter**, investigador sueco, explica que usamos antibióticos para tudo – desde a alimentação e tratamento de animais para consumo humano a prescrições médicas, passando até pelas limpezas de aquários -, embora diga que “a resistência nada tem a ver com o excesso de antibióticos”. Como exemplo, o especialista apontou as viagens para Este dizendo que 80% dos viajantes regressam com “multirresistência”.

A ONU, conforme citou, reconheceu já a problemática da resistência a antibióticos, tendo defendido que “representam a maior ameaça para a medicina moderna”, em gran-

de medida porque até os antibióticos mais fortes estão a deixar de surtir o efeito necessário. “Este é o último recurso, é aquilo que damos ao paciente quando tudo o resto falha. Havendo resistência, não há nada que possamos fazer”, alertou Kahlmeter. Uma das soluções, no seu entender, passa, além da educação e sensibilização, por criar políticas uniformes nos países da União Europeia. “Temos de alterar as nossas expectativas de vida”, rematou no final da sua apresentação.

Bodil Lund, médica dentista e especialista nesta área, refere que a “medicina dentária é responsável por cerca de 10% de todos os antibióticos receitados no mundo”, razão pela qual considera importante sensibilizar a comunidade. “Evitem o maior espectro de componentes, esta é a minha mensagem para vós”, disse. Questionada pelo *O JornalDentistry* sobre qual é, num cenário perfeito, o seu protocolo depois de uma cirurgia para colocação de implante, Lund refere que “o ideal é prescrever antibióticos apenas na preparação da intervenção”. A norueguesa defende que é muito importante ter em conta todos os fatores de risco do paciente – se é fumador, bebe álcool e se é saudável -, mas também “ser-se um bom clínico, um bom cirurgião e prescrever antibióticos unido apenas antes da intervenção”.

Se a necessidade de mudança é, de facto, uma realidade, é também verdade que, segundo Bodil Lund, o tema começa a suscitar interesse junto da comunidade de médicos dentistas. Talvez na próxima edição do Congresso EAO - já confirmado de 8 a 10 de outubro em Berlim, sob o tema “...derrubem este muro” - esta transformação de hábitos, nomeadamente no que toca à prescrição de antibióticos, seja mais evidente. ■

Francisco de Almeida Fernandes
Fotografias gentilmente cedidas pela organização

